



ANÁLISE ECOCRÍTICA DA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NO PERFIL DE ZANA, PERSONAGEM NO ROMANCE DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATOUM

BATISTA, Fancliene Sousa. **Análise ecocrítica da construção do espaço no perfil de Zana, personagem no romance Dois irmãos, de Milton Hatoum.** Florianópolis: Id Acadêmico, 2024.

Orientador: Dr. Erivaldo Nogueira Campos

RESUMO

O presente artigo objetiva descrever a representação do perfil da personagem Zana, uma mulher cuja simbologia indica uma jovem forte que vem para o Brasil com seu pai, em busca de melhores condições de vida, no qual constroi sua família com o Libanês Halim, tornando se mãe de três filhos, porém o seu desfecho se desenrola a tornando uma mulher triste e melancólica por não alcançar êxito em sua função maternal com os filhos gêmeos Omar e Yakub. A relação existencial dentro do romance, Dois Irmãos, de Milton Hatoum, será analisada pelo viés da Ecocrítica através da construção do espaço relatado pelo narrador-personagem Nael. Para isso, efetuamos a leitura do objeto de pesquisa, caracterizamos os espaços do romance e analisaremos alguns aportes teóricos tais como: REUTER (2014), Análise da Narrativa e FERRY (2009), A nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem com o intuito de descobrir como o narrador retrata a relação da personagem humana com os não humanos dentro da narrativa.

Palavras-chave: Literatura, Ecocrítica, Paisagens Amazônicas.

SUMMARY

This article aims to describe the representation of the profile of the character Zana, a woman whose symbolism indicates a strong young woman who comes to Brazil with her father, in search of better living conditions, in which she builds her family with the Lebanese Halim, becoming mother of three children, but her outcome turns into a sad and melancholy woman for not being successful in her maternal role with her twin sons Omar and Yakub. The existential relationship within the novel, Dois Irmãos, by Milton Hatoum will be analyzed from the perspective of Ecocriticism through the construction of the space reported by the narrator-character Nael. To do this, we will read the research object, characterize the spaces of the novel and analyze some theoretical contributions such as: REUTER (2014), Narrative Analysis and FERRY (2009), The new ecological order: the tree, the animal and the man in order to discover how the narrator portrays the relationship between the human character and non-humans within the narrative.

Keywords: Literature, Ecocriticism, Amazon Landscapes.

INTRODUÇÃO

A história de Manaus encontra-se ligada ao processo de exploração promovido por portugueses e espanhóis pelos rios da Amazônia. Segundo Mesquita (2006), o processo de disputa entre os colonizadores, acabou levando colonizadores

portugueses a criarem em 1669, o Forte São José da Barra, visando o domínio territorial da Espanha. Em torno desse forte, nasceu o arraial que deu origem à Manaus. Em 3 de março de 1755, criou-se então a Capitania de São José do Rio Negro para atender as dificuldades e garantir a dominação portuguesa.

[...] em 1848, a vila de Manaus foi promovida à cidade, passando a denominar-se cidade da Barra do Rio Negro, e, em 5 de setembro de 1850, a comarca do Alto Amazonas foi elevada à Categoria de Província. [...] Mas a instalação só ocorreu em 1º de janeiro de 1852 quando desembarcou na Barra o seu primeiro presidente, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. [...] Em 04 de setembro de 1856, a Lei n. 68 mudou o nome da cidade da Barra do Rio Negro para Cidade de Manáos (MESQUITA, 2006, p.29).

Nesse contexto a história contida no livro *Dois Irmãos* têm início na cidade de Manaus, quando a mesma recebia em seus átrios, imigrantes vindos de diferentes partes do mundo, entrando em cena como principal personagem e patriarca da família dos gêmeos, Yaqub e Omar, o pai Halim. Libanês que como tantos outros imigrantes, chegou a Manaus em busca de melhores condições de vida e, conseqüentemente, objetivando enriquecer.

O livro é escrito por Milton Assi Hatoum, nascido em Manaus, no dia 19 de agosto de 1952, é escritor, tradutor e professor brasileiro. Hatoum é considerado um dos grandes escritores vivos do Brasil. É descendente de libaneses ensinou literatura na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e na Universidade da Califórnia em Berkeley.

O romance objeto da proposta de pesquisa em tela se passa em meados de 1945 e tem como marca temporal o fim da Segunda Guerra Mundial.

A descrição do espaço dentro de uma obra literária se configura como sendo muito importante para a construção do efeito do sentido da mesma, como afirma Yves Reuter, “os lugares participam, então com os outros procedimentos [...] para a construção do *efeito real* (acreditamos na existência desse universo e chegamos a “vê-lo””, (grifos do autor), (REUTER, 2014, p. 52). Portanto, o espaço é relevante para a caracterização do ambiente físico, geográfico e até mesmo para as indicações temporais, no entanto, essa mesma construção serve para indicar e dá visibilidade a própria subjetividade dos personagens, uma vez que, como indica Claudia Barbieri, “[...] cria também uma cartografia simbólica em que se cruzam o imaginário, a história, a subjetividade e a interpretação” (BARBIERI, 2009, p. 105). Nesse mesmo sentido,

“[...] os lugares são puramente simbólicos (a casa como o lugar da segurança, a floresta como o espaço do medo)”, (grifos do autor), (REUTER, 2014, p. 53).

Esses aspectos simbólicos podem ser visualizados na construção do romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, embora as descrições do ambiente amazônicos se dão, não para construir o espaço da floresta do medo, como indica Reuter, mas para indicar o lugar do subterfúgio, onde a personagem projeta suas angústias, suas dores e frustrações internas.

Portanto, as relações desses personagens humanos com o ambiente não humano se dão, muitas vezes, como forma de dominação. Descrever esses aspectos de construção do espaço dentro da obra de Milton Hatoum é nosso objetivo principal, com a construção desse artigo, para isso, nos valem da análise estrutural do romance e das teorias ecocrítica, uma vez que acreditamos na importância de se refletir sobre o viés ambiental dentro da literatura.

DESENVOLVIMENTO

Para os estudos executados sobre a ecocrítica entende-se que são antigas as ideias defendidas, porém o campo que trata sobre o vocábulo tem uma historicidade recente. O termo “ecocriticism” tem origem inglesa, e foi impresso por volta do fim da década de 70 pelo então administrador William Rueckert com o *título Literatura e Ecologia de William Rueckert: Uma Experiência em Ecocriticismo Em 1978*, posterior a essa publicação o ecocriticismo cresceu no campo dos estudos da literatura, estabelecendo-se como parte integrante das humanidades ambientais.

Porém foi a partir da última década do século XX que a ecocrítica granjeou novos horizontes para Magalhães e Pinto (2013, p.).

A ecocrítica ganhou força e, para isso, contribuiu para a criação, em 1990, da disciplina Literatura e Meio Ambiente na Universidade de Nevada, Reno, Estados Unidos da América. Acontece, também, no ano seguinte, de acordo com Hildo Couto (2007), durante o simpósio da American Literature Association, a mesa-redonda intitulada American Nature Writing: New Contexts, New Approaches.

Entretanto, o andamento crucial à Ecocrítica é o ano de 1992, quando é fundada, nos Estados Unidos, a Association for the Study of Literature and Environment – ASLE –, entidade profissional que tem hoje importantes filiais no Reino

Unido e Japão. É a ASLE quem domina, do ponto de vista acadêmico, a Ecocrítica e, inclusive, publica o periódico ISLE: Interdisciplinary Studies in Literature and Environment, criado em 1993 por Patrick Murphy.

No Brasil, porém a ecocrítica ainda caminha a passos lentos como comenta Maria do Socorro Pereira Almeida (2008, p. 127), “a ecocrítica ainda não é conhecida nacionalmente” e, ao que parece, dispomos apenas de um livro em língua portuguesa dedicado inteiramente ao assunto, este intitulado Ecocrítica, de Greg Garrard (2006), traduzido para o português por Vera Ribeiro.

Com o intuito de ecoar essa tão importante área do conhecimento e que justificamos a necessidade de disseminar um viés eco crítico na obra de Dois Irmãos de Milton Hatoum.

O perfil de Zana: uma abordagem Ecocrítica

A construção do espaço no romance Dois Irmãos, de Milton Hatoum nos permite, com facilidade visualizar essa caracterização em um enfoque na teoria ecocrítica, Zana é filha de Galib, comerciante libanês, que aproximadamente com 10 anos de idade ela e o pai mudam-se para Manaus após a morte da mãe, e na província amazonense montam o restaurante, o Biblos, palco de encontro de imigrantes, migrantes e ribeirinhos que passavam pela cidade.

Zana é uma mulher habitual, pois sua performance atua em cuidar do lar, instruir os três filhos, administra os empregados, em especial, Domingas, a cunhatã mirrada com quem aprendeu a rezar, sua auxiliar no cuidado de seus filhos em demasia Yakub, para ela (Zana), a casa é o seu lugar na Terra, esse papel de cuidadora lhe cabe muito bem. Como afirma Beauvoir (2016, p. 235), cumpre-nos ver, portanto, como se vive concretamente essa condição essencialmente definida pelo “serviço” da cama e o “serviço” da casa e na qual a mulher só encontra sua dignidade aceitando sua vassalidade.

Posterior a algum acontecimento dentro da narrativa Zana casa-se com Halim e por um período vivem apenas os dois amantes, vivenciando o auge do prazer conjugal (HATOUM, 2000, p.54) “Ele me contou cenas de amor com a maior naturalidade [...] molhado pela lembrança das noites, tardes e manhãs em que os dois se enrolavam na rede” para seu esposo a vida estava tranquila e em paz, não passava em sua cabeça a menção de filhos, não os queria, para ele seria o fim de sua calmaria

e conseqüentemente a atenção de sua amada não seria mais exclusividade sua. Porém com a morte do pai de Zana o senhor Galib, a personagem vive um luto inconsolável que não é preenchido nem mesmo com os maiores mimos de Halim, ele então é adepto a aceitar o pedido de Zana e aceita compactuar na gestação dos filhos ela expõe “Quero filhos pelos menos três” (HATOUM, 2000, p.56).

Halim e Zana tiveram três filhos Yakub o gêmeo mais velho, Omar o gêmeo caçula e Rânia a filha mais nova do casal, nessa perspectiva familiar o narrador detém dentro da obra o desfecho crucial entre os gêmeos Yaqub e Omar que, após, um baile no sótão de uma vizinha que gostava de agradar as crianças do bairro, ocorre a disputa do primeiro amor, Lívia uma adolescente que encanta os dois irmãos, ela porém cede aos encantos de Yakub o beijando enquanto há um blecaute na sala de cinema, sendo surpreendidos no momento exato na volta da energia, Omar enciumado e tomado pela fúria e desfere um golpe com uma garrafa quebrada no rosto do irmão que ensanguentado é socorrido pelos personagens envolvidos, ato qual o marca para sempre, tanto em sua caracterização física quanto emocional, abalando assim toda estrutura familiar.

Para Reuter (2014, p.33). “Essas funções vão introduzir o nódulo central do conto. Após o malfeito, no entanto, podem tomar a forma de uma carência ou de um desejo que domina todo o resto da história”. Os gêmeos são afastados e desencadeiam uma desestruturação na genealogia familiar.

O narrador define o sentimento que impera entre os irmãos da seguinte forma: “Duelo? Melhor chamar de rivalidade, alguma coisa que não deu certo entre os gêmeos ou entre nós e eles”, revelou-me Halim, mirando a seringueira centenária do quintal. (HATOUM, 2000, p.62).

Adentrando a teoria da ecocrítica, o narrador procura expressar os acontecimentos que ocorrem no espaço ficcional com o espaço ambiental harmonizando-os ao sentimento da família. A seringueira centenária é descrita por diversas vezes dentro do contexto da obra, ela abrange todo o enredo inicial da trama até a sua contextura final é ela que embala o amor de Halim e Zana. “Ali mesmo debaixo da seringueira”, apontou com o indicador da mão enrugada, mas firme. “Era o nosso leito de folhas. Dava uma coceira danada, porque aquele canto do mato era cheio de urtigas” (HATOUM, 2000, p.69).

Era também um lugar de calma para o gêmeo Omar quando pequeno, de acordo com o narrador “ Só quietava quando Zana saía do quarto para brincar com

ele no quintal. Os dois sentavam se a sobra da seringueira [...]” (HATOUM, 2000, p.69).

Foi considerado um ponto de refúgio para Yakub que ao retornar de São Paulo já casado e formado em engenharia voltou a Manaus em visita aos pais, “Tomaram café sob a seringueira do quintal” (HATOUM, 2000, p.118). De acordo com Maciel (2006, p.) as seringueiras foram “Protagonista de um importante período econômico na Amazônia durante o século XIX e início do XX, por ser uma árvore produtora do látex utilizado na fabricação da borracha natural”.

Incitamos que essa representação colonial da seringueira dentro do contexto literário reforça a proposição do narrador em configurar essa marca importante que a seringueira denota no contexto social amazônico. Ainda para Maciel a exploração contribuiu para o desenvolvimento da cidade de Manaus.

A exploração da seringueira no vale amazônico foi responsável pelo ciclo econômico que provocou, a partir de meados do século XIX, uma profunda modificação na estrutura urbana das duas principais capitais da região, Belém e Manaus, dando origem ao que é conhecida como fase da Belle Époque e a um grande impulso nos estudos científicos. (MACIEL, 2006, p.).

O declínio do ciclo da borracha se deu após o britânico Henry Wickham levar cerca de 70 mil sementes da espécie *Hevea brasiliensis* para a Inglaterra. Dessa quantidade apenas dois mil obtiveram sucesso no plantio resultando assim estudos que foram aprofundados para o alcance de maiores plantios e como consequência a decadência da borracha na Amazônia. Após essa inserção na narrativa compreendemos que o autor nos remete a importância que tal espécie proporcionou ao Brasil.

De acordo com uma das teorias da ecocrítica o homem sempre se preocupou apenas com a sua própria espécie. Desde o passado o homem tinha a intenção de dominar o espaço natural onde está inserido como faz referência (THOMAS, 1988, p.236) “as árvores ao serem cultivadas no decorrer do século XIII, em particular na Lowland, se tornaram um recurso auto renovável e valioso, desde pelo menos os primeiros tempos normandos”. Para Ferry a primeira corrente de uma das três ecologias defende que:

O meio ambiente não está dotado, neste caso, de um valor intrínseco. Simplesmente, a consciência despertou para o fato de que, se

continuar destruindo o meio que o cerca, o homem corre o risco de colocar sua própria existência em perigo e, no mínimo, de privar-se de uma vida boa na Terra. (FERRY, 1994, p.22).

Para elucidarmos a personificação de Zana com o meio ambiente em que esta é contextualizada desde a primeira página do enredo, nos denota uma narrativa que transmite ao leitor um ambiente vivenciado sobre a desolação, a tristeza e saudade, como se nota na citação abaixo:

Zana teve de deixar tudo: o bairro portuário de Manaus, a rua em declive sombreada por mangueiras centenárias, o lugar que para ela era quase tão vital quanto a Biblos de sua infância: a pequena cidade no Líbano que ela recordava em voz alta, vagando pelos aposentos empoeirados até se perder no quintal, onde a copa da velha seringueira sombrear as palmeiras e o pomar cultivado por mais de meio século, (HATOUM, 2000, p. 11).

Nota-se, na caracterização do espaço, onde a personagem Zana, vaga pelos bosques empoeirados a lembrar de sua Biblos, terra natal no Líbano. Esse espaço rodeado de plantas demonstram o espaço externo e ao mesmo tempo toda a subjetividade da personagem que, certamente sente-se carregada de sentimento de tristeza, com certeza tem o peito carregado de dor e lembranças, como a poeira, elemento natural que impregna o local.

De acordo com (BRANDÃO, 2013, p.25) “O espaço passa a ser tratado não apenas como categoria identificável em obras, mas como sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica.”

Essa ideia fica clara, quando o narrador nos informa que nesse espaço, certamente de natureza construída, onde as árvores a fazem sentir saudades, contribuindo assim para toda uma construção psicológica da personagem:

Perto do alpendre, o cheiro das açucenas-brancas se misturava com o do filho caçula. Então ela sentava no chão, rezava sozinha e chorava, desejando a volta de Omar. Antes de abandonar a casa, Zana via o vulto do pai e do esposo nos pesadelos das últimas noites, depois sentia a presença de ambos no quarto em que haviam dormido. Durante o dia eu a ouvia repetir as palavras do pesadelo, “Eles andam por aqui, meu pai e Halim vieram me visitar... eles estão nesta casa”, e ai de quem duvidasse disso com uma palavra, (HATOUM, 2000, p. 11).

As imagens que descrevem o espaço são muito significativas. O narrador descreve a *Lilium candidum*, a açucena-branca. Trata-se de um Lírio que simboliza a

pureza. A flor não foi escolhida por acaso, uma vez que é uma planta muito comum no Líbano, por isso, ela está ambientada na cena.

Trata-se de uma configuração sinestésica – o cheiro das açucenas-branca -, que se mistura com o do filho caçula. Repare que isso não poderia ser possível, uma vez que o filho não está, na verdade, o cheiro da árvore faz com que Zana se recorde, volte a uma experiência do passado, mas que guarda no seu íntimo.

Esse ambiente, o qual parece muito bonito e aconchegante, na verdade trata-se de um lugar carregado de dores e tristezas. O lugar tem aspectos de abandono, lembrando o fato de que se trata de um lugar empoeirado. Tudo, até o cheiro da flor, algo bonito, singular, mas ao mesmo tempo frágil, como a lembrança que se gasta na memória perturbada que pouco diferencia o que é passado do que é sonho. Trata-se de um ambiente psicológico perturbador.

A flor é bela, a casa é caótica, o que concorda com Luc Ferry, ao dizer que “os ecossistemas são mais bem equilibrados por si mesmos do que a maior parte das construções humanas”, (FERRY, 2009, p. 239). As açucenas-brancas retratam o Líbano e o próprio filho, enquanto que a casa empoeirada retrata o ambiente perturbado e caótico interno da personagem.

Ao mesmo tempo as plantas fazem com que a personagem Zana, em sua mente perturbada tenha uma experiência de estatização do sonho que teve com os entes queridos, o que concorda com Keith Thomas, ao afirmar que “as árvores proporcionam um vínculo com a eternidade”, (THOMAS, 1988, p. 259). Eu a procurei por todos os cantos e só fui encontrá-la ao anoitecer, deitada sobre as folhas e palmas secas, o braço engessado sujo, cheio de titica de pássaros, o rosto inchado, a saia e a anágua molhadas de urina. (HATOUM, 2000, p.12).

A postura do narrador ao elucidar este apontamento nos remete ao peso sentimental da personagem e a conotação do seu ambiente nostálgico, pois folhas e palmas secas já não possuem nenhum valor tanto no espaço real quanto no imagético. Titica de pássaros relatam sua ressalva em não conseguir um alívio para a sua dor.

Por vezes as árvores no enredo dão um ar sombrio como se previssem a perda de alguém, foi assim ao entardecer na noite de natal quando o já idoso Halim saiu desconsolado, deixando sua casa, seu sofá e sua Zana o narrador faz menção aos não humanos “As copas escuras cobriam os fundos da casa” (HATOUM, 2000, p.212), só no outro dia o corpo de Halim sem vida é encontrado sentado no sofá.

Posterior a morte de Halim, Zana dá uma lição de moral em Omar, o filho que ela sempre amou e cuidou, abrindo mão dos outros filhos, da casa e do marido, cedendo aos caprichos e artimanhas do menino então homem. “Omar correu até a cerca, saltando sobre os montes de folhas e galhos”, (HATOUM, 2000, p.221), essa passagem pode se desdobrar na afirmação do fardo que o filho se tornou para mãe representados no espaço ambiental com a formação de folhas e galhos que quando desprendidos pela árvore de nada serve.

Os dias finais de Zana foram de extremo luto pela morte do seu amor Halim, o narrador a encena em um espaço que incita muita tristeza. “Eu a via perto do tronco de jatobá, sentada num tamborete, o sol iluminando a metade do seu corpo” (HATOUM, 2000, p.223).

Ao elucidar o fim da família advinda do Líbano, percebemos que o espaço descrito pelo narrador afirma a perda de total lucidez e decadência da casa em que morava, após uma dívida que deveria ser paga, Zana perde todos os móveis de sua casa, em seguida é exigida a venda de sua casa ela então sem forças para lutar é obrigada a se refugiar por um curto espaço de tempo no seu quintal, esse no qual representou sua trajetória de vida. “Zana estava deitada sobre folhas secas, o corpo coberto com a roupa de Halim.” (HATOUM, 2000, p.254).

A morte de Zana é descrita nas primeiras páginas do romance de Milton Hatoum “Zana desvaneceu; ela ainda virou a cabeça para o lado, à procura da única janela na parede cinzenta, onde se apagava um pedaço do céu crepuscular”, (HATOUM, 2000, p.12). Fechando assim esse enredo com a personificação do espaço ambiental ligado a estrutura da narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o narrador possui uma atenção especial na conjuntura espacial e ambiental de todos os personagens descrita na obra, porém, com ênfase na personagem objeto de estudo Zana sua caracterização tem um valor diferencial na trama, pois é ela a detentora do destino de toda família. A mesma exhibe um papel forte, destemido e sensível que caracteriza muitas mulheres imigrantes, mães e esposas que se preocupam com o bem-estar dos seus, esquecendo-se de seus afetos.

A verossimilhança composta na narrativa com a vida dos personagens e a seringueira nos proporciona a visualização de todo o desenvolvimento natural com o meio ambiente em que a mesma está inserida, ou seja a cor, textura ou forma das folhas representam na personagem o sentimento que outrora se insere em seu interior, o caule, a sombra, as flores dão ao enredo características peculiares no desenrolar de toda a trama familiar, as plantas são mencionadas por diferente viés, como mera paisagem, ou referência ao sentimento, descanso, tranquilidade, medo, frustração ou refúgio.

Essa amarração nos proporciona uma comunicação entre o narrador e o leitor, que deslumbra a composição do ambiente em que atuam os personagens humanos e não humanos, destacando assim a dicotomia do ecossistema narrativo e ambiental em que ambos atuam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira. Homem, animal e espaço numa visão ecocrítica, em Graciliano Ramos e Miguel. In: _____; AZEVEDO, S. L. M. (Orgs.). **Espaço interdisciplinar: literatura, meio ambiente e relações sociais**. Recife: Baraúna, 2008. p.125-58.

BARBIERI, Claudia. Arquitetura literária: sobre a composição do espaço narrativo. In: **Poéticas do espaço literário**. Oziris Borges Filho, Sidney Barbosa (Org). São Paulo, SP: Editora Claraluz, 2009. p. 105-127.

FERRY, Luc. **A nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem**. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

KEITH, Thomas. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MACIEL, Mayara. **Seringueira, a planta que sustentou uma região**. Publicado em: 31/01/2006. Disponível em: <https://www.museu-goeldi.br/noticias/seringueira-a-planta-que-sustentou-uma-regiao>. Acesso em: 01/01/2020.

OTONI, Mesquita. **Manaus: História e Arquitetura 1852-1910**. 3ª edição. Prefeitura de Manaus e UNINORTE. Manaus: Valer, 2006.

PINTO, Francisco Neto Pereira Pinto; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **Contribuição da ecocrítica ao ensino de literatura**. Litterata, v.3, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/808/832>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

REUTER, Yves. **A Análise da Narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.